



JORGE GOMES, O ETERNO MARGINAL

ANTERIORMENTE, em TV, ele só havia feito uma novela em São Paulo, na TV Record. Depois veio para o Rio, onde fez, na Rede Globo de Televisão, *O Rebu*, de Bráulio Pedroso, onde era Rudy, um fotógrafo. Atualmente, Jorge Gomes é Nato Tavares, em *Saramandaia*, um papel que representa muito pouco em sua carreira, pois não tem história e serve, tão somente, como elemento de ligação entre os inúmeros conflitos dos inúmeros personagens criados por Dias Gomes.

JORGE E AS NOVELAS

Jorge não gosta de contratos longos. Evita-os. Não suporta se sentir como uma peça de engrenagem. Na Rede Globo, tem contrato por novela, e entre Nato Tavares e Rudy ele prefere o segundo, que era um personagem dotado de mais vida.

— O convite para fazer o papel de Nato partiu de Walter Avancini, diretor da novela, ao me ver atuando em *A Rainha Morta*, minha última peça, dirigida por Luís Carlos Ripper. O grande problema desse papel se prende ao fato dele não ser muito claro. Não tem apoio do texto. É inteiramente sem conflitos e sem definição. A única coisa que eu posso dizer é que, em princípio, ele seria um espelho do pai: safado, liberal, meio burro, mais instinto do que razão. Mas, acima de tudo, um cara bom. Um motoqueiro do interior. Para mim é difícil criar este tipo. É como fazer um pastel só de massa, sem nenhum recheio. Além do mais, o relacionamento que ele tinha com a sua namorada, a Bia (Marília Barbosa) foi tremendamente prejudicado pela censura. O Dias Gomes foi, inclusive, obrigado a mudar a sua linha de conduta. Por essas razões Jorge confessa que ainda tem muitos escrúpulos com relação à televisão, comerciais e coisas do gênero. Ator basicamente de teatro, faz questão de frisar que só gosta de fazer aquilo que o satisfaça artisticamente, assumindo os riscos financeiros e profissionais que esse tipo de atitude possa trazer.

Atualmente, junto com a atriz Yara Amaral, está pensando em produzir, até o fim do ano, uma peça cujo texto está sendo escolhido. Enquanto isso não acontece, Jorge pode ser visto na versão musicada da peça *Deus Lhe Pague*, de Joracy Camargo.

A VIDA E A CARREIRA

Nascido na década de 40, solteiro e morando no Leblon, Jorge começou como ator em 1969. Como quase todo o ator que se preza, sofreu — e ainda sofre — a oposição da família por ter seguido a carreira artística. Até hoje, nos intervalos entre um trabalho e outro, seu pai — que é engenheiro — aparece-lhe com uma proposta de emprego, lembrando-lhe todos os cursos que fez.

— Eu passei quatro anos na Europa e nos Estados Unidos, freqüentei os colégios mais fechados e as melhores universidades, inclusive Haward e Colúmbia.

Formado em Sociologia, trabalhou durante dois anos fazendo pesquisas nas principais favelas do Rio. Abandonou, porém, a profissão, pois não conseguiria fazer o que pretendia dentro dela no Brasil. Depois de trabalhar algum tempo com gravuras, no atelier de Anabela Geiger, foi convidado para fazer a cenografia de uma peça que Amir Haddad ia dirigir. Acabou por fazer o papel principal, dividindo a cenografia com Joel de Carvalho e Kolman Diniz. Depois fez *Cemitério de Automóveis*, *Rapazes da Banda*, *A Viagem*, *Avatar*, *A Rainha Morta*. No cinema, atuou em três filmes, *Senhores da Terra*, *Viagem dos 12* e *A Noiva da Cidade*.

— Depois de ter sido sociólogo, uma profissão que não é reconhecida no Brasil, optei pela profissão de ator. É — finaliza ele — parece que a minha sina é ser um eterno marginal.

Reportagem de Augusto César
Foto de Josemar Ferrari